

Anno \$8.
Semestre 5.
Trimestre 3.
Folha avulsa 25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

PARA OS SUBSCRITORES,
Não excedendo de 20 linhas, .. \$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITORES,
Não excedendo de 10 linhas, .. \$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

MACAU 30 DE DEZEMBRO

Se a imprensa periodica não é órgão autorisado pelo consenso de muitos, pelo que se chama opinião publica, ella não satisfaz ao seu fim, não preenche a sua alta missão.

Emitir as ideias que, estando na mente de todos, carecem, contudo, de explicação, para que se apresentem claras e palpaveis, a fim de se poderem realisar, quando, amadurecidas pela discussão; é em definitivo o dever do jornalismo, que, por isso, é considerado como uma voz collectiva, que se faz ouvir e obedecer ainda mesmo pelos que mais se prendem aos prejuizos e aos interesses contrariados.

A sua importancia não pôde ser hoje posta em duvida, senão pela ignorancia ou má fé dos que pôspõe a tudo a sua individualidade.

A sinceridade e a independencia são, por tanto, apanagios indispensaveis de quem escreve para o publico, porque a verdade, ainda que amargue, deve ser dita a respeito de tudo o que pôde interessar á causa publica. O que dissemos das coisas é tambem applicavel ás pessoas que possam ter relação com os objectos de interesse geral.

Se uma tal independencia, com a sinceridade da convicção, não merece o apoio da localidade d'onde o jornal se diz órgão, nesse caso, é baldado o tempo e o trabalho que se dispende, porque das certas circumstancias pôde nascer frieza e reciproca má vontade, e por consequencia utilidade negativa: e como o *nisi utile est quod facimus stulta est gloria*—não pôde deixar de ser considerado com attenção, porque vale muito, iremos dizer duas palavras sobre o que se chama espirito publico, para se tirarem d'ahi legitimas consequencias.

Quando apparece uma ideia que é de reconhecida utilidade, quer seja politica ou material, essa ideia, sendo levantada pela imprensa, e agradando a um partido ou a uma comunidade, parece natural que obtenha a sua realisação, que se torne pratica; porque o *espirito publico*, levado pela convicção, não se contenta em dizer só "é boa," mas, pelas intelligencias e esforços reunidos, a ideia é convertida em uma realidade aproveitavel.

O espirito publico deve ser incansavel, vigoroso e entusiastico, pois o fluxo e refluxo das ideias, d'elle partem e para elle tornam, incessantes em seu movimento, como as ondas do mar.

A humanida não pôde ficar parada a contemplar o que se passa em torno de si mesma, e por isso inspira-se com as ideias que andam, deixem-nos assim explicar, na atmosphera, e que formam a marcha progressiva das sociedades.

Em um paiz acostumado a discentir as ideias e a tratar as questões em o largo

campo da imprensa, observa-se que uma ideia, quando ainda apenas indicada ou esboçada, é logo accete e posta em pratica; e, quando essa ideia não está ainda bem desenvolvida, vem a discussão sincera esclarecel-a, para que se torne efficaç a realisação.

E assim vemos as sociedades modernas alcançarem rapidamente um alto grau de civilisação e de prosperidade, pela continua e successiva transmissio de ideias, convertidas em factos pelos homens de boa vontade e dedicacão, os quaes, sabendo guiar as favoraveis disposições que uma ideia desenvolveu no espirito publico, não se poupam a esforços e trabalho até a verem realisaada.

Em um paiz, onde as individualidades se occupam quasi exclusivamente do que lhes diz respeito, e onde todas as questões são observadas pelo prisma da personalidade, é claro que ali o espirito publico não se pronuncia, porque não existe, e todos os factos correspondem a essa fatal disposicão. E assim se diz, em um tal paiz, que uma ideia é boa ou má conforme a origem d'onde veio. A discussão toma sempre um tom d'azedume e de *recado encomendado* que não offerece margem á argumentação; porque onde se não vê um fundo de convicção, lealdade e independencia, não se pôde achar a contestação.

Pela mesma razão, a harmonia desaparece, e a desunião destroe toda a tentativa d'empresa, e até as boas relações sociais.

A uma ideia, que não offerece muito facil realisação, chama-se-lhe utopia, dá-se-lhe um sorriso de desdem e proclama-se *irrisorio* o proponente dessa ideia; e se, em vez de uma só ideia, se propoem algumas ideias novas, então os doutores de banalidades dizem—isso é de quem anda na lua.

Já se vê que um jornal que houvesse de agradar a todas as individualidades assim divididas, seria mais do que impossivel, seria uma entidade composta de tão diversas naturezas, que mal se pôde conjecturar a atmosphera em que poderia viver, se fosse possivel ter ella vida propria.

Como conclusão d'estas generalidades atiradas ao papel, como reflexões sobre a falta que faz o espirito publico, poderemos dizer, com satisficção, que estamos convencidos que a cidade de Macau tem o espirito publico bem formado, e que algumas destas insinuações cabem só a excepções, que devemos esperar que de futuro não venham a servir d'estorvo ao bom senso da maioria dos cidadãos d'esta terra.

Se possedemos descrever desta opinião, desde esse dia, poriamos ponto final aos nossos trabalhos improbos; porque é arduo o trabalho desacompanhado, quan-

do só pela reciprocidade e bom acordo se conseguem resultados infalliveis.

A CELARIIDADE das correspondencias, tanto officiaes como commerciaes e particulares, tem sido sempre um objecto de muita consideração e importancia. Muitas vezes, os negócios publicos e os do commercio têm perdido muito em seus interesses pela falta de correspondencias, e mesmo pelo atrazo ou demora destas; pois que, se em algumas occasiões as communicacões dos poderes publicos e dos negociantes não são de muito interesse, outras ha em que estas communicacões se tornam de um grande alcance.

E não se vá pensar que os particulares não soffrem da mesma forma com o atrazo da correspondencia; porque, alem dos negocios que por este meio é mister manter entre familias, quando estas se acham divididas, os negocios tratados entre amigos ausentes tambem podem ser de muita importancia. Demais a saudade, que nasce da ausencia é sempre muito exigente de noticias, que nos são caras, e produz aquella avidex com que abrimos uma carta de familia ou de qualquer outro amigo, pois bastam sómente as simples noticias das pessoas de amizade, para nos darem interesse.

É por estas e outras causas que os homens de todas as nações não se hão poupado ao trabalho de fazerem grandes investigações, para irem achando de dia para dia os meios mais conducentes a accelerar a correspondencia entre os povos do mundo, tendo, assim, tornado já muito curta a grandissima distancia que existe entre o oriente e o occidente.

Macau, que, nos confins do oriente, constitue uma parte da monarchia portugueza, carece da brevidade de suas correspondencias com a metropole, como carecem todas as outras colonias.

As malas da Europa e a da India chegam conjunctamente a Hongkong, e ali são entregues ao administrador do correio daquella colonia ingleza, a fim deste funcionario lhes dar depois seguimento pelo vapor da carreira para Macau. Acontece, porém, algumas vezes largar de Hongkong este vapor, justamente na occasião em que ali chegam as malas, não podendo por isso tomal-as, e ficando por este motivo toda a correspondencia ali estacionada até a outra volta do vapor. Ainda a semana passada se deu este acontecimento. O vapor *Feiseen* largou de Hongkong no dia 24, e no momento em que largava, viu chegar ali o que conduzia a mala. Proseguiu sua carreira como devia, e lá ficou a correspondencia para se demorar alguns dias, quando podia, como abaixo vamos explicar, estar em Macau á meia noite do mesmo dia em que chegou a Hongkong. Demais, o vapor *Feiseen* demorou-se em Macau

mais tempo do que costuma, e por isso só se recebeu a mala no dia 27, e mesmo assim foi porque, por uma auctorisação extraordinária, a mandou vir a direcção do correio de Macau por uma embarcação china.

Para obviar a estes inconvenientes, voga uma ideia, que bem se podia aproveitar.

Logo que chegue a Hongkong as malas da Europa e da India, podia ali o director do correio entregal-as immediatamente ao consul portuguez, e este dar-lhes logo seguimento para Macau, ou no vapor da carreira, ou, á falta deste, em qualquer *faiião*, que se ache prompto a partir para esta cidade.

É verdade que, vindo a correspondencia pelo *faiião*, ou expresso, deve haver uma despesa alem da ordinaria, mas, segundo ouvimos de pessoa competente, é tão diminuto o maximo dessa despesa, que, distribuida pela correspondencia official e pela commercial e particular, bem compensa de certo o interesse geral, que ha na brevidade possivel das communicações.

Estamos, por tanto, convencidos de que, entre as pessoas a quem interessa a correspondencia, ninguem haverá em Macau que se não agrade dessa medida, que tem o duplo fim da utilidade publica e particular.

Parece-nos que nenhum inconveniente haverá em realisar este pensamento; e, sendo assim, pedimos a sua realisação.

A IMPRENSA de Lisboa publica duas cartas, escriptas a respeito de um assumpto dos mais importantes da humanidade. Uma foi dirigida pelo ministro plenipotenciario da Columbia na corte de Londres a Victor Hugo, e a outra foi a resposta deste ao ministro.

Estas cartas referem-se á abolição da pena de morte na Columbia. É este o principio santo, a ideia generosa, o pensamento digno do homem e da missão de que Deus o encarregou, é finalmente a verdade divina que esse grande vulto francez trata, ha trinta e cinco annos, de levar a toda a face da terra com a luz da sua intelligencia.

É Reis e povos hão escutado com a mesma attenção a sua voz auctorizada. A sua doutrina, toda repassada de verdade, pouco a pouco se vae sanctificando no peito da humanidade.

É que por estes justos principios facil é comprehender que o cadafalso se torna mais ignominioso para a sociedade do que para os criminosos; a pena de morte, uma degradação moral da auctoridade; o carrasco, um professor publico de assassinatos e crueldade; as execuções, uma barbaridade inutil, e o sangue das victimas, um insulto feito a Deus, e um processo aberto á governação humana.

Ainda o anno passado a auctoridade philosophica e moral de Victor Hugo combateu na Belgica do modo mais brilhante e admiravel o principio da pena de morte.

O grande pensador dizia a mr. Bost :

“ Trata-se da pena de morte.

“ Meu Deus! O sombrio rochedo de Sisypho! Quando deixará de rolar, e de cair de novo sobre a sociedade humana esta pedra de rancor, de tyrannia, de obscuridade, de ignorancia e de injustiça, que chamam penalidade? Quando poremos a palavra—ensino—no lugar onde hoje se lê—pena? Quando chegarão a convencer-se de que um criminoso é um

ignorante? Quando se conformará a lei com o direito? Quando se medirá pela justiça divina a justiça humana?

“ Tenho sido infatigavel em denunciar esta violencia, feita pelas leis da terra ás leis divinas. Tenho encaminhado a consciencia universal para se rebelar contra semelhante acto; combati pela logica e pela commiseração, que é uma logica suprema. A penalidade desmedida e cega, a sentença de morte, tenho-a atacado, ora tratando da these geral, buscando ferir o proprio principio dessa monstruosa realidade, e destruí-o, empregando todas as minhas forças, para fazer desaparecer, de uma vez para sempre, não um cadafalso, mas o cadafalso; ora limitando-me a algum caso especial, com o fim de salvar só e unicamente a vida de um ou de outro homem.”

É já o grande philosopho havia evidenciado estas verdades na tribuna e na imprensa.

Continuando sempre a lutar com as suas poderosas armas da intelligencia na cruzada santa de melhorar o genero humano, recebe agora mais um florão para o seu diadema com a noticia dessa grande obra columbiana, dessa gloria suprema, que a philosophia social ha de registar como um triumpho, a humanidade celebrar como uma honra e a historia apontar como um exemplo.

Eis as duas cartas a que nos referimos :

A mr. Victor Hugo.

Londres, 17 de agosto de 1863.

Senhor.—A republica dos Estados-Unidos da Columbia consagrou, na sua constituição, o principio altamente christão da inviolabilidade da vida humana, principio, em virtude do qual não é licito pronunciar, contra quem quer que seja, a pena de morte.

A vós, senhor, que haveis sido neste seculo o mais fervoroso apostolo desta ideia, e que, pelo poder do vosso genio, a tendes feito entrar nos espiritos esclarecidos e inserir nos codigos; a vós, que tendes associado o vosso nome glorioso a este novo evangelho; a vós, senhor, devem os povos, resgatados por tão elevada conquista, um tributo de reconhecimento.

Permitti-me, pois, que, fazendo-me interprete do povo columbiano, que tenho a honra de representar em Inglaterra, eu vos offereça um exemplar de sua constituição, como homenagem que este povo tributa ao poder do vosso espirito, á elevação do vosso caracter, e á santidade das vossas ideias.

Eu sou, senhor, com o mais profundo respeito

Antonio Padilha.

Segue-se agora a resposta de Victor Hugo.

Hauteville House, 12 de outubro de 1863.

De certo algum jornal vos terá anunciado a minha ausencia de Guernesey desde os fins de julho; a demora da minha resposta vos fica assim explicada. Só hoje abri a honrosa carta que me dirigistes em data de 17 de agosto.

Não vos posso exprimir quanto a vossa communicação me interessa. A minha vida tem sido votada ao progresso, e o ponto de partida de todo o progresso na terra é a inviolabilidade da vida humana. Deste principio dimanam o fim da guerra, e a abolição do cadafalso.

O fim da guerra e a abolição do cadafalso é a supressão da espada exterminadora. Com a supressão do ferro homicida, o despotismo desaparecerá, não terá mais razão de ser nem meios para existir.

Vós me enviaes, em nome da vossa livre republica, um exemplar da vossa constituição. A vossa constituição abule a pena de morte, e vós quereis-me attribuir uma parte neste progresso magnifico. Com a mais profunda commoção agradeço á republica dos Estados-Unidos da Columbia.

Abolindo a pena de morte, dá ella um admiravel exemplo. É um passo para a felicidade, e ao mesmo tempo para a gloria.

Está aberto um caminho largo. Que a America marche, e a Europa a seguirá.

Transmitti, sr. ministro, a expressão do meu reconhecimento a vossos nobres e livres concidadãos, e recebi a certeza da minha alta consideração.

Victor Hugo.

NOTICIAS DIVERSAS.

Gruta de Camoens.—Fômos ver este rochedo historico, que do melhor grado nos foi franqueado pelo distincto cavalheiro sr actual proprietario o sr. Lourenço Marques.

Não é nosso intuito fazer longa descripção da gruta, porque ella apenas é formada por tres enormes penedos, dois firmados no solo de uma eminencia muito arborizada, e o terceiro assente sobre os dois, servindo como de tecto áquelle antro estreito e umbroso; desejamos sómente registar aqui algumas lembranças saudosas, que aquelle logar solitario e romanesco nos suggeriu sobre os admiraveis dotes do nosso poeta e seus grandes infortunios.

Parecia-nos vel-o dentro da gruta a escrever o seu poema, e olhávamos aquelle sitio com respeito.

É de facto, quando vemos n'um varão um saber superior ao nosso, respeitamos logo os seus conhecimentos; —quando vemos brillar nelle o genio, o talento, o engenho e a instrucção, somos obrigados a venerar um tão raro conjunto, e sentimos um gosto ineffavel em admirar-o; —quando elle, reunindo a tudo isto as mais excellentes qualidades do coração, não deslisa do caminho da virtude, e o vemos lutando com inalteravel perseverança contra os revezes da fortuna, ou antes contra a perversidade humana, que injustamente o persegue, tributamos-lhe então mais que veneração—quasi um culto.

É apraz-nos lançar o anathema sobre seus perseguidores, sobre essas almas envenenadas de virulencia, que fizeram pesar o infortunio sobre o homem util e esclarecido.

É todos esses dons do ceu brillaram conjuntamente no nosso primeiro epico; e todos esses revezes da fortuna soffrêra com fortaleza e constancia o laureado cantor da nossa gloria, que só com um livro que nos legára soube eternizar o seu nome e o nosso.

O seu genio, esse luminoso astro que tanto brillára para a sua alma privilegiada, essa divina inspiração, que nos grandes e sublimes episodios do seu poema se remontára como a agua; que com novas formas embelleceira o que de per si só não tinha belleza; —o seu talento, que muito se abalazára, tanto nas bellas imitações ás produções do genio, como no colorido das ideias, creadas pelo mesmo genio, dando-nos em carmes singulares maximas de alta politica e verdadeira moral, enriquecendo a nossa linguagem, e vestido á portugueza muitos pensamentos latinos; —e finalmente o seu engenho, foram o plectro daquella divina tiorba, onde elle tecêra a sua corôa de principe.

É todos estes pensamentos nos vieram á mente naquella occasião, e uma lagrima sentida nos escapou dos olhos ao deixarmos aquelle rochedo de tão saudosas recordações.

Offerta apreciavel.—Sabemos que o sr. Barão de Cereal Antonio teve a delieada lembrança de offerecer ao theatro de Macau um interessante panno de bocca, para apparecer pela primeira vez na representação que vae ter logar na occasião dos proximos festejos.

Esta offerta tem ainda muito mais merecimento, por ter sido o panno pintado por S. Exa., que tem um verdadeiro gosto de pintura.

Quanto á descripção desta pintura, reservamos-nos para fazel-a depois da representação.

Soiree.—Houve na noite de 25 uma *soirée* dançante em casa do sr. R. Carrol. Esteve uma boa sociedade. As damas ostentavam galas, e a dança correu animadissima. Em todo o decurso da *soirée* foi inaltervel o prazer e satisfação, contribuindo muito para este contentamento as maneiras francas e officiosas do sr. Carrol, e a acrisolada amabilidade de sua Exma. esposa.

Estatutos.—Foram approvados pelo Exmo. Governador desta colonia os estatutos por que vae ser regida uma escola de instrucção para o sexo feminino.

O benemerito cavalheiro o Sr. Bernardino de Sena Fernandes, que, em nome de outros cidadãos prestaveis de Macau, foi quem solicitou a devida auctorisação para este estabelecimento, viu finalmente coronados os seus esforços, pelos quaes lhe cabem muitos louvores, assim como aos demais cavalheiros.

Para o numero que vem tratarmos mais desenvolvimento deste magnifico melhoramento.

Memoria.—Com este titulo se vae publicar uma obra litteraria, que será dividida em tres partes. A primeira constará de diferentes considerações sobre o futuro de Portugal; a segunda consistirá na descripção de todos os festejos que vão ter logar em Macau para celebrar o fausto nascimento de Sua Alteza o Principe Real; e a terceira parte será um elogio dramatico, feito para ser posto em scena no theatro de D. Pedro V por essa mesma occasião.

Recebem-se assignaturas no escriptorio desta redacção.

NOTICIAS DO REINO.

Recebemos jornaes até 30 de outubro, que nos trazem bastantes noticias de interesse.

A colonia italiana andava tratando da construcção de uma memoria, que resolvêra levantar, para

commemorar o real consorcio de El-Rei o sr. D. Luiz com S. M. a Rainha a sra. D. Maria Pia de Saboya.—Dizia-se que o padrião constava de uma columna, sobre a qual havia de ser collocada uma lapida de forma orbicular, tendo de um lado a inscripção votiva em portuguez, e do outro em italiano.

Suas Magestades El-Rei o sr. D. Luiz e a Rainha a sra. D. Maria Pia estavam para fazer uma viagem á cidade do Porto.

Os operarios da fabrica do tabaco em Xabregas haviam pedido aos srs. caixas um augmento de ordenado, e acrescentavam que se se lhe não augmentasse o salario, não trabalhariam mais. De modo que os srs. caixas não lhes fizeram o augmento pedido, e despediram um grande numero de operarios.—A imprensa pedia aos srs. caixas que fossem benevolos e magnanimos com os tristes operarios, porque era gente pequena e fraca.

Havia sido decretado o uniforme para os vogaes do conselho geral de instrucção publica, para usarem nas solemnidades, etc.—É o uniforme: Farda direita e comprida, de panno azul ferrete, com talhe militar, e abotoadura de metal dourado com as armas reaes, formando o corte da gola um angulo agudo por diante, e sendo as extremidades desta, bem como os canhões e as portinholas, bordados a ouro com ramos de carvalho sobre fundo de velludo azul-loio, tendo alem disso um ramo de carvalho bordado a ouro no espaço, acima da cintura, comprehendido entre os dois botões posteriores.—Colete de cazimira branca, com botões correspondentes aos da farda; —Calça de panno azul ferrete com galão de ouro, guarnecendo as costuras exteriores;—Chapeu armado com laço nacional, presilha de ouro e guarnição de plumas brancas;—Espadim de copos e guarnição dourados com bainha preta em talim com pala da mesma cor.—Nos dias de grande gala, porém, deve a calça ser de cazimira branca com galão de ouro, e tambem brancos o talim, e a bainha da espada.

O sr. major Almeida, governador de Timor foi exonerado do seu cargo naquella ilha, e nomeado para o substituir o sr. major Costa Moura, que se achava governado S. Thomé e Principe, e mandado governar estas duas ultimas ilhas o sr. capitão Estanislau de Assumpção, que se achava em Angola.

Tinha-se dado um furto no lyceo nacional do Porto. Os ladrões abriram a porta de noite, e levaram algumas medalhas de prata e algum dinheiro.

Suas Magestades El-Rei o sr. D. Luiz e a Rainha a sra. D. Maria Pia, acompanhadas de Sua Alteza o Principe Real, que ia nos braços da sua ama, e seguidos de algumas pessoas do paço, haviam ido fazer uma visita piedosa á egreja de S. Domingos. Foi grande o concurso de povo que ali se juntou, desejoso de ver o real menino.

Haviam sido muitos os donativos que Suas Magestades tinham mandado distribuir pelos estabelecimentos de piedade.

Sua Exa. o sr. duque de Loulé havia adoecido, mas na occasião de partir a mala de Lisboa já se achava um pouco melhor. Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

A imprensa de Lisboa lamentava os repetidos casos de infanticidio que se estavam dando em Londres. Estes crimes eram praticados pelos paes das crianças, que todas morriam por asphyxia. Não se tinha podido averiguar verdadeiramente se estas mortes eram produzidas pelo peso dos corpos dos paes sobre as crianças ou pelo peso de travessieiros.

Esperava-se em Lisboa uma esquadra ingleza, chamada do Canal. O capitão de um vapor, que havia chegado ao Tejo, dissera que tinha encontrado no alto mar dez vasos de guerra, navegando vagarosamente.

El-Rei o sr. D. Luiz havia resolvido, por occasião do nascimento de S. A. o Principe Real, fundar na sua tapada de Maíra uma colonia agricola penitenciarica para rapazes. Eis o que a este respeito diz um jornal: Sua Magestade não só funda, mas costeia a colonia, supprindo o que for necessario, alem do que produzir o trabalho dos colonos.—Os rapazes, condemnados em juizo a reclusão correccional, serão recolhidos na colonia penitenciarica, e ahi trabalharão, e serão instruidos. O producto do seu trabalho é vendido em proveito delles.—É uma acção de rei, que nobilita criando instituições civilisadoras. O rei tambem se nobilita, quando emprega o seu tempo e o seu dinheiro na pratica de acções distinctas e generosas. El-Rei segue os exemplos de seu chorado e angustio irmão o sr. D. Pedro V, de boa memoria, e por isso tambem conquista as sympathias do povo.

Havia fallecido no hospital de Rilhafolles, onde se achava em tratamento de uma alienação mental, o sr. tenente de engenheiros Pedro de Alcantara Gomes Fontoura. Este infeliz official havia estudado com distincção em Paris, e deu provas de muito talento como engenheiro. Contava 33 annos de idade.

Estava para sahir para Angola, fazendo escala pelo Rio de Janeiro, a corveta *Sá da Bandeira*, a fim de ir render a *Sagres*.

O transporte *S. Pedro* apparellava para ir immediatamente a Cabo Verde conduzir socorros de cereaes, que devia receber nos Açores.

Preparavam-se 60 carretas de ferro novas para a artilheria das fortalezas de Angola.

A corveta a vapor *Infante D. João*, já mastreada, recebia a sua lotação para ir a Inglaterra metter a respectiva machina.

A corveta de vella *D. João I* ia entrar no dique e armar.

Ja ser encomendado o material para se effectuar por administração a nova ponte do arsenal da marinha. O seu custo parecia não exceder a 40:000\$000 reais.

As novas corvetas a vapor *Duque da Terceira* e *Duque de Palmella*, segundo se calculava, deviam estar promptas a lancar-se á agua para o mez de março.

COMMUNICADO.

O CATHOLICISMO JULGADO POR UM SABIO PROTESTANTE.

(Continuado do n.º 12.) (1)

Inimici nostri sunt judices (Nem. 32. 31). Somos julgados por nossos inimigos.

Reformas na corte de Roma e novas victorias do Catholicismo.—Invoca-se o testimonho de Guizot sobre o quanto a Egreja concorre para a civilisação moderna.—O de Gibbon, Hume e Heinecio sobre a mesma materia.—O de Voltaire e Hurter sobre os Papas e as Cruzadas.—Ainda Guizot, Leibnitz e Prandhon sobre as censuras e a entrada da Egreja nos negocios civis e politicos.—A Egreja salvadora da civilisação.—Eloquente apostrophe de Joly.—Refuta-se uma objecção, invocando Balmes, Luthero, Erasmo, Cordus, etc.—Juizo William sobre os apostatas do Catholicismo, etc.

XI.

Já agora falta-nos tocar ainda n'um ponto delicado:—nas censuras da Egreja, e na parte que ella tomou nos negocios civis, nessa epocha memoravel chamada a Edade Media.

Falo-hemos de passagem, invocando pela terceira vez o insuspeito testimonho de Guizot, bem como o de Leibnitz, etc.

Ouçamos primeiro o protestante francez: "A indagação, a predica, o ensino das verdades religiosas; e em caso de necessidade, as *monitores* e *censuras*; e essa é a tarefa do governo religioso; é esse o seu dever. (*Hist. de la Civil.*, V. leç.)

"Ha alguns seculos que se falla muito á vontade dos direitos do poder temporal; mas na epocha que nos occupa, o poder temporal era a força pura, um latrocinio feroz.

"A Egreja. . . . era infinitamente superior a um tal governo temporal: o clamor dos povos continuamente vinha instal-a a que tomasse o seu lugar. Quando um Papa ou os bispos proclamavam que um soberano tinha perdido os seus direitos, que seus subditos estavam desligados do juramento de fidelidade; esta intervenção, sem duvida, sujeita a graves abusos, era frequentemente, no caso particular, legitima e salutar. . . .

"No decimo seculo os povos não estavam em estado de se defenderem, de fazer valer seus direitos contra a violencia civil: a religião intervinha em nome do *céo*! É uma das causas que contribuíram mais para as victorias do principio theocratico. (*Id. Ibi.*")

Ouçamos agora Leibnitz, que falla quasi pela mesma boca:

"Pouco importa, diz elle, que o Papa tenha tido este primado por direito divino ou por direito humano, com tanto que seja constante que, por muitos seculos exerceu no Occidente, com o *consentimento e applauso universal*, um poder seguramente muito extenso. Ha mesmo muitos homens celebres entre os protestantes, que tem pensado que se podia deixar esse direito ao Papa, e que era util á Egreja, se se lhe tirassem alguns abusos. (*Pensamentos de Leibn.*, tom. 2.º)

Ouçamos ainda mais dous protestantes; um Auillon, do seculo passado, e outro Coquerel, nosso contemporaneo. Diz aquelle:

"Na edade media, onde não havia ordem social, o Papado só foi quem salvou talvez a Europa d'uma completa barbaridade. Elle creou communicações entre as nações mais afastadas; foi um centro commum, um ponto de junção para os estados separados. . . . Foi um tribunal supremo, ele-

vado no meio da anarchia universal, e cujas sentenças foram algumas vezes tão respeitadas como respeitáveis: elle preveniu e suspendeu o despotismo dos imperadores; substituiu a falta d'equilibrio, e diminuiu os inconvenientes do regimen feudal. (*Tab. des Rec. des syst. polit. de l'Eur.*, tom. 1.—Introdução.)"

Conquerel parece continual-o dizendo:

"O poder papa, dispondo das coroas impedia que o despotismo se tornasse atraz. Tambem não vemos nestes tempos de treva algum exemplo comparavel em tirannia ao de Domiciano em Roma. *Um Tiberio era impossivel; Roma (o Papa) tel-o-a esmagado. Os grandes despotismos apparecem quando os reis se persuadem de que não ha nada acima delles.* É então que a embriaguez d'um poder illimitado gera os mais atrozes crimes. (*Essai sur l'Hist. du Christ.*, pag. 75)"

Era talvez por isso mesmo que o proprio Voltaire se não mostrava muito escandalisado com a supremacia dos Papas sobre os Reis, mesmo em certos casos politicos; e até algures mostrou quasi desejal-a, para se prevenirem muitas guerras desastrosas.

Conforma-se tudo isto maravilhosamente com o que ainda ha bem pouco em França escrevia um dos impios modernos de mais nomeada, Mr. Prandhon:

"Foi por isso que nos seculos passados algumas vezes a Egreja assumiu de todo a auctoridade temporal (A expressão não é exacta, mas passe), excomungou os Principes, e desligou os povos do juramento de fidelidade, operando uma revolução no governo.

"Como na edade media iguaes factos poderião reproduzir-se ainda; e talvez antes de poucas gerações seremos delles testemunhas, se a corrupção de costumes proseguir seu curso, se a politica se encaminhar cada vez mais para o despotismo pela exaggeração do centralismo e da unidade, não ficando de pé senão a Egreja como auctoridade moral e moderadora." (*Du Principe Federat.*, pag. 162.)

Para não tirarmos nenhuma força ás asserções do escriptor francez citaremos na lingua original as suas ultimas palavras: "*Comme au moyen age, de pareils faits peuvent se produire encore (não o deixamos de certo; mas o mundo parece com effeito encaminhar-se para ahi), et peut être avant peu de générations en sérieux temoins, si la corruption des moeurs poursuit son cours, la politique tournant de plus en plus par l'exagération de l'unité et l'autorité au despotisme, l'Église restait seule comme autorité morale et moderatrice.*"

Ora, Prandhon diz mais adiante:

"A verdadeira, a unica questão pois entre o partido da fé e o partido do *progresso* (o grito va por nossa conta e risco) é a questão moral,—questão na qual estamos certos de succumbir (Prandhon é *progressista*!);—e condemnamos a nós mesmos fazendo á nossa antagonista uma guerra desleal, e juntando á expoliação a hypocrisia.

"O que sustenta a Egreja contra todos os ataques, e o que faz o partido catholico o mais forte de todos, não é de certo a sua opinião, é o rebaixamento das consciencias (de seus adversarios) a quem nenhuma idea de cima nem debaixo sustenta; é o materialismo de nosso ensino; é o abandono do pensamento revolucionario (!) substituido pelo mais detestavel pharisaismo; é o nosso impuro romanticismo, é nossa libertinagem voltaireana. . . . Eis aqui por que eu denuncio ao desprezo publico com as manobras da democracia unitaria os movimentos de balanço d'um pantheismo sem moralidade e d'uma pandilha sem principios." (*IB.*, p. 274.)

XII.

Acabando de transcrever estas solennes e eloquentes palavras pudemos sem duvida votar, e provar sendo preciso, que nellas está a condemnação do systema de seu auctor; pudemos provar que o que elle exige aos homens do progresso e ao mesmo tempo inimigos da fé, é simplesmente o impossivel; mas não: o que pertendemos por hoje é somente archivar as suas palavras, e as confissões insuspeitas nellas contidas.

O que fica assentado como certo, é que em todos os casos difficeis, ou, pelo menos, desesperados, tem sido e será sempre a Egreja a salvadora da civilisação e do mundo.

E isto nos faz lembrar a seguinte mui energica apostrophe, dirigida por Victor-Joly aos *liberaes* anti-catholicos, para a qual pedimos a nossos leitores todas as attentões:

"Pois bem! esse Catholicismo que vós insultaes, que perseguis, que declarais incompativel com a liberdade, vós invocareis um dia com vosso Salvador!"

"Quando a taça da vingança trespordar; quando os proletarios se retirarem de novo ao monte Aventino, e vós tremerdes com terror sobre vossas tribunas legislativas, será um catholicismo *tao perigoso para sociedade*, contra o qual soltais vossos scribas ignorantes que vos salvará d'uma ruina completa.

(1) ERRATA.—Entre outros escaparam no artigo antecedente desta serie os seguintes erros d'impressão, que os leitores saberão desculpar: "entrada"—por "entrada"; "Juizo William"—por "Juizo de William"; "pode"—por "pode"; "inquietados"—por "inquietado"; "(II. V leç.)"—por "(II. V leç.)"; "Egreja docente"—por "Egreja docente"; "da certeza de suas luzes"—por "da certeza de suas luzes"; "penitenciario"—por "penitenciario"; "Toeques Balmes"—por "Jacques Balmes."

"E em quanto este dia tremendo não tem chegado,—quem ensinou ao povo a resignação, a paciência, e a supportar a sua lastimosa miseria? Quem o ajuda a conduzir a sua pesada cruz? Quem devia seus olhos ardentes de odio e cubicia, do vosso ouro, de vossos palacios sumptuosos, e de vossas equipagens? Quem allivia pois esses desherdados do mundo, mostrando-lhe o ceu; e quem vos tem salvado atéqui de uma terrivel guerra servil em que os Spartacos não fazião falta?—Quem tem feito tudo isto? Não tem sido o catholicismo?"

"Vamos! enxugai vossas lagrimas de Crocodilo, cessai vossos prantos traiçoeiros, não deploreis mais a sorte dos povos obrigados a conservar essa fé catholica, tão hostil á liberdade. O Evangelho contém mais germens de liberdade do que vós não ousareis jámais introduzir nas vossas cartas e constituições.—Oh! como sois charlatães! . . ."

"Cessai, sobretudo, de crer que catholicismo possa ser hostil á liberdade."

"No dia em que necessitades de uma constituição democratica, acha-la-heis inteira no Evangelho, essa grande carta da humanidade que Christo sellou com o seu suor em Gethsemane e com o seu sangue no Golgotha." (*Os Jesuitas e algumas preoccupações litterarias a respeito do Judeu Errante*, pag. 164 e 174.)

Isto chama-se ser verdadeiro e eloquente. O peor é que nos temos quasi esquecido do nosso bom Macaulay. Mais duas palavras e voltaremos a elle.

XIII.

Talvez que algum leitor pouco seguro nestas materias, ou prevertido pelas más leituras, seja tentado a dizer: "É certo que o Catholicismo tem concorrido e concorre para a civilização do mundo; mas não foi tambem o Protestantismo um grande passo para essa civilização?"

—Para a verdadeira, não; mil vezes não. Foi um grande passo, mas um passo de retrogresso: eis o que até á evidencia provou contra Guizot o illustre Balme no seu já citado *Catholicismo comparado com o Protestantismo, etc.*—contra Guizot que nada teve que responder ao grande philosopho e profundo critico hespanhol.

Sem tornarmos porem agora no seu livro, e sem estudarmos mudamente a questão—mesmo por que nos seria impossivel fazel-o no espaço o que temos de limitar-nos,—contentar-nos-hemos d'apontar somente sobre o assumpto algumas poucas auctoridades insuspeitas.

Será a primeira o proprio Luthero, que descontente da sua obra, e reconhecendo os males immensos que com ella tinha feito ao mundo, não se pejou de escrever o seguinte:

"Confesso que se Deos me não tivesse os olhos fechados sobre o futuro, e se pudesse prever todo este escandalo, não teria nunca ousado prégar a minha doutrina." (*Ausleger propheten Walch*, cap. VI, pag. 620)

"Quem d'entre nós se teria posto a prégar se tivesse previsto que d'ahi resultariam tantas calamidades e escandalos? Agora que já começamos não ha remedio senão soffrer as consequencias." (*Id.*, cap. VIII, pag. 564.)

Quanto ao progresso scientifico, Erasmo não é menos digno de ser ouvido sobre a materia:

"Quando se professa, como fez Luthero que a sciencia especulativa é erro e peccado; e quando, como Farell se diz claramente que todos os conhecimentos humanos são concepções do inferno e do diabo; não é possivel que taes principios deixem de produzir o desprezo dos estudos e o predomínio das paixões cupidas e sensuaes."

O protestante Cordus, amigo de Luthero, respondendo a esta pergunta—que differença ha entre os chefes da Igreja evangelica e os bispos papistas?—disse:

"Nenhuma, senão que por toda a parte aonde os primeiros dominam as letras e as sciencias estão em decadencia; e aonde os bispos conservam a sua influencia, ellas obtem as recompensas e o apoio que lhes são devidos."

Dizia ha uns poucos de annos a *Nação* (no no. 2244) e com verdade:

"É certo, e os protestantes sinceros confessam que o não estar agora a Europa povoada de ignorantes e escravos se deve á salutar reacção catholica, e ás suas bellas associações religiosas—litterarias,—ás dos Jesuitas, Oratorianos, etc."

Isto quanto ás letras; quanto á politica, e á liberdade sobre tudo, tem razão o nosso primeiro controversista religioso, o Sr. Souza Monteiro, quando escreve em polemica com o Sr. Tojar, ex-conego catholico e hoje ministro protestante em Lisboa:

"O reinado de Henrique 8.º e de seus filhos Eduardo 6.º e Izabel fallam bem alto a favor da liberdade que o Protestantismo favorece, sem fallarmos na historia da Dinamarca, Suecia, Irlanda, Escocia, Saxo Brandeburgo, etc., etc."

"Quaes devem ser as consequencias d'uma doutrina que não admite no homem liberdade moral, se ella chega a ter entrada e acolhimento em qualquer sociedade? Estabelecer irremissivelmente o reinado da força e da escravidão. Luthero não desmentia isto. "Assim o quero, assim o mando; a minha vontade é superior á propria razão," são palavras suas que os protestantes tradusiram para a politica, assentando como axioma que "a lei é a vontade do principe" em quanto adulavam os reis; e hoje que "a lei é a vontade do povo," em quanto adulam o povo.

"Os protestantes deram-nos o despotismo." (O auctor prova-o com bem deduzidos argumentos.)

(Continua.)

Pe. J. J. D'AFFONSECA MATOS.

CORRESPONDENCIA.

Sr. REDACTOR.

Pela ultima mala tive a honra de receber uma carta do illustre deputado por Macau ás cortes da nação portugueza o sr. Mattos Correia, e me foi dirigida na qualidade de presidente da assembleia eleitoral que teve lugar em agosto ultimo. Nesta carta me patenteia S. Exa. o seu verdadeiro reconhecimento aos habitantes de Macau, que quasi unanimes o reelegeram para seu representante.

E, para que chegue ao conhecimento de todos, peço a V. o favor de inserir a alludida carta no seu acreditado jornal.

De. V. etc.,

F. A. DA SILVA.

Macau, 28 de dezembro de 1863.

ILMO. SR. FRANCISCO ANTONIO DA SILVA.

Recbi a carta que V. Sa. me dirigiu em 25 de Agosto, dando-me os parabens pela relação com que novamente me honraram os habitantes de Macau, e enviando-me a copia autentica da acta de eleição, que se verificou no dia 9 sob a sua presidencia.

Agradeço as benevolas expressões de V. Sa., cumpri-me igualmente significar-lhe, que me acho grandemente pehorado para com todos os eleitores por esta nova prova de confiança que me deram, e que muito me liongion, por ser acta espontanea de um povo tão recommendavel pela sua independencia como pela sua illustração. Constituida em grande divida por tão particular favor desejarei bem ter occasiões de manifestar a minha gratidão, zelando como devo os interesses dos meus constituidos e concorrendo quanto ser possa para a prosperidade da provincia, que me não de continuar a representar nas cortes.

Sou com toda a consideração

D. V. Sa.

ALTO, Vendr. Crdo. Obrido.

JOAQUIM JOSE G. DE MATOS CORREIA.

Lisboa 30 de Outubro de 1863.

ANNUNCIOS.

CIRCULAR.

A FIRMA de Portaria e Silva fica dessolvida e nesta data por mutuo consentimento dos seus actuaes Socios.

Vicente de Paulo Portaria continuará os seus negocios debaixo da Firma de V. de Portaria & Ca., que se assignarão da maneira Seguinte.

V. DE PORTARIA & Ca.

Macau 31 de Dezembro de 1863.

EXCELENTE Azeite Doce de Portugal em barris e em garrafas. Algumas duzias de bom Vinho do Porto, e Madeira, tudo chegado na Galeira Deslumbrante. Praia Grande N.º 14.

VENDEM-SE duas propriedades de casas contiguas, na Praia Graude N.º 14 e 15. Quem as pretender comprar dirija-se a

J. A. P. CRESPO.

O ABAIXO assignado recebe constantemente de Londres, e offerece á venda, Rapé Princeza (aromatico) e garrafas pequenas @ \$14 por cada uma, em Jarros 2½.

J. C. DOS REMEDIOS.

Hongkong 3 de Dezembro de 1863.

LIVROS.

Travessa do Governador, N.º 2.

UMA colleção de lindos romances encadernados, e outras obras recentemente chegado de Lisboa.

Preços modicos.

O ABAIXO ASSIGNADO annuncia ao publico que, tendo dado maior desenvolvimento ás suas Officinas, acha-se agora ainda mais habilitado para se encarregar de todo o genero de trabalhos typographicos, executados com presteza e nitidez, por preços muito rasoaveis.

J. DA SILVA.

FAZENDAS DE INVERNO.

GRANDE sortimento de Casimira, Panno preto, Circassiana e Veludo de diferentes cores, por preços commodos.

Dirija-se á Loja de

J. DA SILVA.

Macau 7 de Outubro de 1863.

NA Casa N.º 31, Tarrafeiro, vende-se Vinho Branco e Tinto da melhor qualidade em garrafas.

Macau 7 de Outubro de 1863.

ESTADO DO MERCADO.

ARROZ.—Existe pouco, e por isso o preço está firme. Tem chegado de oeste da China pequena porção. O de Bengala vale hoje \$2.80 e 2.90; de Saigou, a \$2.35 e 2.40; o de Manilla, branco, e \$2.40 e 2.50; e o da Java e \$2.40 e 2.60.

ALGODÃO.—As noticias da Europa fizeram abaixar seu preço \$10, por pico; deste mofo o de Shanghai, que até chegar a mala valia \$45, vale hoje \$33. Espera-se do norte da China, porem se forem desfavoraveis as futuras noticias da Europa, deve neste mercado, abaixar muito o seu preço.

CANELA.—Existem 1,300 picos; e pedem \$16 por pico, mas não ha cotraprodos. Espera-se rebaixa.

OLEO DE CANELA.—Ha pouco, quasi todo o que existiu no mercado, foi vendido @ \$215.

OLEO DE ANIZ.—Haverá talvez 40 picos, pedem \$155.

ASUCAR.—Não tem chegado, nem se tem feito transaccão algum neste artigo.

As fazendas dos estreitos, conservam-se sem alteração alguma ao que sobre ellas temos annunciado.

MOVIMENTO DO PORTO.

Desde 24 a 31 de Dezembro.

ENTRADAS.

- Dz. 25—Galera Inglesa *Agra*—Capitão, Bell—714 toneladas—de Wampou, com chá.
- " 26—Brigue hollandez *Japan Packet*—Capitão, Van der Brwk—148 toneladas—de Hongkong, em lastro.
- " 27—Barca Inglesa *Queen Bee*—Capitão, Glover—353 toneladas, de Hongkong, em lastro.
- " 28—Brigue hollandez *Oveste*—Capitão, Agon—297 toneladas—de Amoy, em lastro.

SAHIDAS.

- Dz. 26—Galera Inglesa *Agra*—Capitão, Bell—714 toneladas para Londres, com chá.
- " 28—Barca portugueza *Sao Francisco Xavier*—Capitão, José Luiz da Silva—236 toneladas,—para Goa, com assucar, sornbreiro e pancheões.
- " 28—Brigue espanhol *Sao Lorenzo*—Capitão, Sta. Coloma—220 toneladas—para Manilla, com axite, seda e balda.
- " 30—Barca Inglesa *Queen Bee*—Capitão, Gover—353 toneladas—para Bangkok, com succos vastos para receberem arroz.

NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAU EM 31 DE DEZEMBRO.

ENTRADA	APARELHO	NAÇÃO	NOBRE	CAPITÃO	TON.	PROCEDENCIA	COSSIGNATARIO	ANCORADORO	DESTINO	OBSERVAÇÕES
Junho 25	Barca	Portugueza	Tremelga	G. Marques	371	Singapura	L. Marques	Rio		Desarmado
Setbro. 13	Junco	Siamez	Cammenhem	Com-cheu	297	Siam	Menkui	Rio	Siam	À carga
Outbro. 2	Barca	Hollandeza	Alfred	H. P. S. T.	350	Macassar	Van der Hoeven	Rio		Idem
Novbro. 12	Barca	Peruana	Clothilde	S. Bollo	336	Callão de Lima	M. A. dos Remedios	Taiapa	Callão	Com passageiros chinas
Dezbro. 6	Galera	Peruana	Theresa	Sicarel	562	Callão de Lima	Ordem	Rio	Callao	Com passageiros chinas
" 7	Barca	Peruana	Sol de Lima	Arrubarrena	192	Callão de Lima	Lassaleta	Rio	Callao de Lima	Com passageiros chinas
" 10	Galera	Portugueza	Dom Fernando	Senna	984	Hongkong	José da Silva	Rada	Havana	Com passageiros chinas
" 13	Barca	Peruana	General Prince	A. Olano	205	Callão de Lima	Castro	Rada	Peru	Com passageiros chinas
" 17	Barca	Portugueza	S. Vic.º de Paula		326	Hongkong	V. Portaria	Rio		Descarregando
" 20	Brigue	Inglez	Carl	William Dow	164	Manilla	J. P. da Silva & Ca.	Rada		
" 20	Galera	Peruana	Perseverancia	Tetens	578	Hongkong	Ordem	Rada	Callao de Lima	Com passageiros chinas
" 26	Brigue	Hollandez	Japan Packet	Van der Brwk	148	Hongkong	Van der Hoeven	Rio		
" 28	Brigue	Hollandez	Orestes	Agow	297	Amoy		Rada		